

SOLTANDO UMA PIPA

No palco, um JOVEM está empinando uma pipa no parque enquanto um VELHO lê seu jornal. O primeiro homem está absorto em pensamentos nostálgicos sobre sua infância e os momentos que costumava passar com seu falecido pai. O segundo, parece desconfortável com suas idas e vindas que bloqueiam o sol. Um transeunte passa e observa a cena. Ele é o NARRADOR.

NARRADOR

(intrigado) Por que empinamos uma pipa, quando sabemos que temos que trazer ela de volta no final? E por que precisamos trazer ela de volta no final? Por que simplesmente não amarramos nossas pipas em um mastro e deixamos elas voando pra sempre, como as bandeiras?

O VELHO suspira, vira a página do jornal e olha para o JOVEM que passa de um lado para o outro, claramente incomodado.

NARRADOR CONT'D.

(resoluto) Acho que baixamos nossas pipas para poder empinar elas de novo, porque é o momento de ver elas subindo é o que nos dá prazer. Mas por que nos apegamos às coisas que sabemos que não vão durar? Será que é assim que alimentamos as lembranças? Ou somos todos movidos à ilusão?

VELHO

(levantando os olhos do jornal, irritado) Com licença, rapaz. Você se importaria em soltar essa pipa mais pra lá? Você está bloqueando o sol.

JOVEM

(surpreso, mas educado) Ah, desculpa. Eu não percebi...

VELHO

(rabugento) Tá! Mas você não acha que tá um pouco crescido pra isso?

JOVEM

(surpreso, mas calmo) Crescido? Mas é só uma pipa. O que isso tem a ver com idade?

VELHO

(resmungando) É que parece meio bobo, não? Quer dizer, qual é o sentido?

JOVEM

(sorrindo levemente) Não sei se faz sentido, mas quando eu era menino, meu pai costumava empinar pipas comigo.

VELHO

(suavizando um pouco, mas ainda cético) Hmmm...

JOVEM

(olhando para o céu, acompanhando a pipa) Agora que ele se foi, quando eu empino essa pipa, é como se eu estivesse compartilhando um momento com ele mais uma vez. As lembranças voltam... Como se, por um instante, eu pudesse ter aquilo de novo.

O VELHO observa o JOVEM por um momento, perdido em seus próprios pensamentos. Depois, suspira e ajeita o jornal.

VELHO

(mais brando, mas mantendo o tom seco) Entendo. Cada um com seu jeito de segurar o que se foi. Meu pai também soltava pipas comigo. Agora, vai um pouquinho mais pra lá com as suas lembranças, por favor, que eu preciso de luz pra ler o meu jornal.

O JOVEM se afasta um pouco, enquanto o VELHO retorna ao jornal. O NARRADOR dá um passo à frente, retomando sua interação com o público.

NARRADOR

(saudoso) Passamos nossas vidas tentando segurar os momentos, como pipas na ponta de uma linha. Mas o vento sempre muda, e a linha sempre escorrega. No final, o que realmente importa não é quanto tempo seguramos, mas o que carregamos conosco quando soltamos.

O NARRADOR sorri com nostalgia, voltando a observar a cena.

NARRADOR CONT'D.

(falando enquanto sai de cena até ficar inaudível) Algumas das minhas melhores lembranças de infância são das férias de

julho, até meus oito ou nove anos. Férias escolares. Época de vento. Eu sempre ficava animado para empinar pipas. Naquela época, a gente não tinha onde comprar pipas, cada um fazia a sua. A garotada personalizava e decorava de todas as maneiras possíveis. Eu enfeitava tanto as minhas que elas mal subiam, ou bailavam tortas. Dizem que o diabo enfeitou tanto o filho que lhe furou um olho, mas minhas pipas, mesmo caolhas, eram sempre as mais vistosas.

VELHO

(arqueando a sobrancelha, voltando-se novamente ao JOVEM)
Deixa eu adivinhar... Você comprou essa pipa, não foi? Aposto que nunca fez uma com as próprias mãos.

JOVEM

(sem jeito) Bom... sim. Mas qual é o problema?

VELHO

(bufando) No meu tempo, a gente fazia as próprias pipas. Escolhia o bambu, colava o papel de seda, ajustava o rabo. E esse seu rabo... Soltar pipa sem saber fazer? Seu pai brincou tanto disso com você e não te ensinou a fazer uma? E esse rabo... Pelo amor de deus!

JOVEM

(pensativo, olhando a pipa) Talvez ele só quisesse que eu aproveitasse o momento, sem outras preocupações. E não tem nada de errado com o meu rabo!

VELHO

(balançando a cabeça, olhando ao redor) Hmmm... Tá! Eu posso sentir a presença do meu pai se sentar para fazer uma pipa, não preciso vir abanar um rabo torto no parque. Mas, por falar em parque... já viu o estado disso aqui? Grama alta, banco quebrado, lixeira transbordando. No meu tempo, esse era um lugar decente! Agora é só mais um espaço público descuidado e abandonado.

JOVEM

(ainda observando, mas agora mais firme) Engraçado... No seu tempo tudo era melhor... Mas, se a gente só olha para o que foi, como é que muda o que ainda pode ser?

De repente o vento começa a ficar mais forte. Ouvimos trovões ao fundo. O JOVEM sente um puxão na linha, desviando sua atenção. Ele começa a se preocupar com sua pipa.

VELHO

(resmungando indiferente) Parece que vai chover. E esses bueiros entupidos de sujeira. A chuva vai transformar o parque num lamaçal já, já.

NARRADOR

(observando o céu, sentindo o vento ganhar força) O passado e o presente colidem de maneiras inesperadas. Como a chuva que chega, assim, sem pedir licença, em uma tarde ensolarada. Como as lembranças que voltam quando a gente menos espera. Passamos a vida tentando segurar momentos, como se fossem pipas bem presas na linha. Mas o vento sempre dá um jeito de puxar pra longe.

NARRADOR faz uma pausa, olhando para a pipa.

NARRADOR CONT'D.

(enquanto abre seu guarda-chuva) Os dias de infância, os cheiros, as vozes... tudo parece perto por um instante, até que escorrega pelos dedos. A verdade é que, por mais que tentemos segurar, algumas coisas simplesmente não foram feitas para ficar.

Relâmpagos surgem, o JOVEM tenta recolher sua pipa às pressas.

VELHO

(irônico) Melhor deixar ir, rapaz. Você não é o Benjamin Franklin. A menos que queira levar um choque de realidade.

A linha arrebenta e a pipa voa na direção da plateia, caindo entre os espectadores. O som da tempestade aumenta. VELHO e JOVEM correm para as coxias em direções opostas para fugir da chuva, mas ainda ouvimos suas vozes enquanto eles saem de cena. Apenas o NARRADOR, prevenido com seu guarda-chuva, permanece no palco.

VELHO CONT'D.

(irônico, gritando para o rapaz que se afasta na outra direção) Tem coisas que a gente perde porque não segurou direito. Outras, porque nunca foram realmente nossas. Você acha que é o único que perdeu alguma coisa?

O JOVEM dá um último olhar rápido para a pipa caída e uma risada curta e irônica antes de desaparecer na coxia. NARRADOR caminha até onde a pipa caiu, olha para ela no meio público e conclui com uma última reflexão.

NARRADOR

E assim, aprendemos a deixar ir. Não porque queremos, mas porque precisamos. E as memórias permanecem, como o puxão de uma linha de pipa, nos lembrando do que se foi.

FIM